

O peregrino
Joshua

crônicas - volume 1

Rafael Lovato

*O peregrino
Joshua*

crônicas – volume 1

1ª edição

Campo Grande, Brasil

2014

Editora Zap Book

*Para meus pais, Rosa e Ivanor, e para minha avó, Odila.
Para meu amigo e anjo da guarda literário, James Mcsill.
E para minha querida Melissa.*

SUMÁRIO

O BARQUEIRO CARONTE, 11

Legados, 13

AS PRIMEIRAS CRÔNICAS, 17

O natal e seu espírito, 19

Saudades, 22

Carência de atenção e animosidade, 25

Nomes e significados, 29

O sábio e o tempo, 33

Pontuação da vida, 36

Amizade, 39

Racismo, 43

Maldade, 46

Gordinho e se sentindo bem, 49

O que são as mulheres?, 52

Casamento, 54

Longe e perto, 58

Amor, 61

Espaços vazios, 64

O que é o coelho da Páscoa?, 67

Escuridão, 69

Indo embora, 73

PALAVRAS DE ANDRÉ LUÍS, 77

A promessa de Caronte, 79

*“Vossos filhos não são vossos filhos.
São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.
Vêm através de vós, mas não de vós.
E embora vivam convosco, não vos pertencem.”*

Excerto de ‘O Profeta’, de Khalil Gibran.



O barqueiro Caronte



LEGADOS

Caronte sempre chegou ao mundo, dos homens, navegando, em turbulentas marés, em seu barco.

Conhecia cada uma das pessoas que buscava, das quais acompanhava todos os minutos vividos, desde o momento de abrirem os olhos ao de fechá-los. Em virtude disso, durante os muitos séculos navegando naquelas águas, de remada em remada uma reflexão recorrente povoou seu intelecto: que, em muitos casos, seus tripulantes mereciam permanecer um pouco mais no mundo dos homens. E não que pensasse em justiça ou injustiça, mas sim que esse era o seu sentimento. Porém, para si mesmo, reafirmava não caber a ele decidir a hora de alguém deixar aquele mundo, pois não controlava quem subia ou descia de seu barco. Somente se encontrava presente quando chegava o momento, pronto para proceder à travessia dos rios Styx e Acheron ao preço de uma moeda de ouro, apontando o novo caminho a seguirem.

Assim funcionou desde os primórdios da criação, daquele mundo, e era por isso que as pessoas que soubessem quem era Caronte, definitivamente, se perguntariam por que gastava seu tempo escrevendo histórias, pois deveria se ocupar cuidando de seus afazeres mundo afora. Ainda poderiam completar que esses afazeres eram muito mais importantes do que contar histórias, e quem pensasse assim, não deixaria de estar um pouco

correto. No entanto, algo diferente do corriqueiro aconteceu num dos dias em que a maré trouxe seu barco, e no atracador encontrava-se Joshua, com uma moeda nas mãos.

Enquanto remava se aproximando do atracadouro, a vida daquele homem, de meia idade, cruzou os pensamentos de Caronte. Sem qualquer dúvida, viu que sua família o amara desde que nascera, e que ele sempre praticara o bem. Ainda jovem, perdera os pais, com quem muito aprendeu e de quem, em toda sua vida, sentira muita falta, sendo seu maior desejo perpetuar o legado de conhecimento, bondade e altruísmo deles.

Percebeu que, no íntimo de seu ser, Joshua era solitário, e mesmo assim, desde jovem, se preocupara mais com os outros do que consigo mesmo, disseminando o bem por onde passara. Viu, também, que com o correr dos anos ele encontrara uma mulher de quem se enamorara profundamente, sua alma gêmea. Logo após se conhecerem, ambos iniciaram alegre vida juntos, projetando um futuro onde Joshua vislumbrava ensinar e amar seus filhos, para quem passaria o legado de seus pais. A cada dia vivido, amava ainda mais sua alma gêmea, e uma felicidade sem fim preencheria seu coração e espírito, pois possuía uma família novamente, o que se completou com o nascimento de seus dois filhos. Então, sem aviso e tragicamente, um acidente ceifou a vida de sua esposa e filhos, e Joshua se encontrara novamente sozinho, desesperado, perdendo a vontade de viver.

Com essas visões em mente, Caronte atracou em silêncio o seu barco nas margens do rio Acheron. Enquanto as pessoas que acompanhavam Joshua se dirigiam ao atracadouro, entregavam

uma moeda e subiam a bordo, aqueles recorrentes pensamentos, de que alguns mereciam permanecer um pouco mais no mundo, retornaram à mente de Caronte. Súbito, ocorreu-lhe uma ideia, e vislumbrou a oportunidade para demonstrar ao mundo que, também, poderia conduzir seus tripulantes por águas calmas e cristalinas.

Quando Joshua se aproximou, estendendo a mão com a moeda de ouro, ao invés de aceitar, calado, o pagamento, como sempre fizera, Caronte conversou com Joshua. Expôs que compreendia a imensa dor que sentia, mas que ela abrandar-se – ia com o passar do tempo.

Joshua respondeu que era difícil levantar a cabeça e olhar esperançoso para o horizonte, após tudo pelo que passara em sua vida, ainda mais agora que os ensinamentos de seus pais se encontravam perdidos. Caronte argumentou-lhe que ainda era jovem, podendo voltar ao mundo dos homens para disseminar os ensinamentos de seus pais, deixando um legado abrangente e conquistando filhos de seu saber, dentre muitas coisas mais. Ambos conversaram por muito tempo e, então, Joshua perguntou como seria possível sair das margens dos rios das marés da vida, se concordasse em voltar ao mundo dos homens, pois era algo que jamais lhe acontecera. Caronte esclareceu que não haveria volta uma vez que pisasse no barco, mas Joshua ainda se encontrava no atracadouro e, assim, Caronte podia permitir que regressasse.

Por fim, Joshua inquiriu qual o motivo daquela concessão e tamanha benevolência. Caronte respondeu que também

pretendia legar algo ao mundo dos homens, mostrando, através dos ensinamentos de Joshua, que as águas onde as pessoas navegavam, após deixarem aquele mundo, não dependiam do barqueiro e, sim, do modo como viveram suas vidas. E por esse motivo, os justos, caridosos, bons, não deveriam temer a chegada de seu barco.

As reflexões de Caronte preencheram, novamente, o coração de Joshua com esperança e amor, oportunizando-lhe vislumbrar que ainda possuía muito a oferecer à humanidade. Em virtude disso, Joshua agradeceu e aceitou a oferta do barqueiro, guardando a moeda de ouro no bolso e descendo do atracadouro.

As marés novamente carregaram o barco, e Caronte se distanciou em silêncio, enquanto Joshua regressou ao mundo dos homens para peregrinar e passar seus ensinamentos, até o dia em que o barqueiro voltasse para lhe buscar.

Décadas se passaram desde aquela conversa no atracadouro, quando, das margens dos rios das marés da vida, André Luís retornou ao mundo dos homens, portando as primeiras Crônicas de Joshua, escritas por Caronte.





As primeiras crônicas



O NATAL E SEU ESPÍRITO

Mais um final de ano chegava, e o peregrino Joshua imediatamente percebia a mudança na atmosfera que envolvia as localidades por onde passava. Gostava da alegria e tranquilidade dessa época, com todos ocupados enfeitando casas, organizando a ceia de Natal, escolhendo presentes... Sentia pulsar a sua volta a esperança na vitória do bem e da harmonia entre os homens, o que enchia de satisfação seu coração e espírito. Não se cansava de admirar a beleza colorida das luzes que enfeitavam árvores, as bandeirolas tremulando ao vento, crianças sorrindo com a ideia de ganhar presentes, e adultos se permitindo rápida volta aos dias de adolescência.

Com essas reflexões em mente, aproveitava a difusa luz da tardinha, sentado num dos bancos da praça do vilarejo de Vale Trigueiro, quando um velho homem sentou-se ao seu lado. Joshua nada falou, pois se encontrava absorto em seus pensamentos, hipnotizado pelas luzes e movimento do vilarejo.

Sem demora, o velho homem, gesticulando e apontando sua bengala para um grupo de pessoas, quebrou o silêncio:

— Que grande besteira essa história de Natal! Presentinhos, reunir família, cantar... Comemorar o quê? – e pigarreou. – Sequer sabem o que a data significa! Os problemas acabaram? Claro que não! Então, por que a alegria? Que grande bobagem, o senhor não acha? – e pigarreou novamente, batendo a bengala no chão.

Joshua firmou os olhos nos do velho homem e disse:

— Talvez, meu bom amigo. É possível que muitas pessoas não saibam se nessa data Jesus Cristo nasceu, ou se nela Ele morreu ou ressuscitou. Muitos nem mesmo pensam sobre o assunto... Outros tantos, sequer são religiosos. Mas, o mais importante é realmente isso?

— Claro! E esse é o problema! Natal é uma comemoração religiosa. Nessa data tão importante, não louvar o Salvador é heresia! Melhor não festejar – e novamente bateu a bengala no chão, como que colocando ponto final na sentença.

Joshua se recostou no banco, abrindo os braços:

— Gosto de pensar que o mais importante é festejar a alegria; confraternizar, formar amizades, independente do motivo. Na visita do Messias ao nosso mundo, Ele buscou, dentre muitas coisas mais, entregar a paz, semear entendimento, ensinar a solidariedade, distribuir o amor.

O velho homem balbuciou:

— Amém.

— E o amigo concordará que, o que Ele realmente queria, era que os homens disseminassem Seus ensinamentos, neles encontrando esteio para vencerem as lidas do dia a dia, e suportassem as provações...

O velho homem aquiesceu com um aceno de cabeça:

— É o Salvador! Isso mesmo.

Joshua silenciou por alguns momentos e, colocando sua mão sobre o ombro do velho homem, prosseguiu:

— Entre nós, homens livres e de bons costumes, Seu espírito permanece. Natal é, somente, pequena desculpa que muitas pessoas precisam para baixar as defesas, para que aceitem seus amores, demonstrem carinho. É o momento em que se permitem aflorar sentimentos de irmandade, amor, compaixão...

O velho homem grunhiu, concordando com leve movimento de cabeça:

— Hum.

— Quando presenteamos alguém, lembramos Cristo, Buda, Maomé, pois eles nos ensinaram a amar ao próximo. E esses gestos são sementes de um amanhã melhor, perpetuando o espírito dos Messias, daquilo que, para todos nós, eles realmente significam. Não importa o porquê de sorrirmos ou o motivo de amarmos: para colorir nosso dia, basta sentirmos o bem e a alegria.

O velho homem, sorrindo, olhou firme nos olhos de Joshua, que concluiu:

— Meu amigo, para a caridade surtir seu efeito, é suficiente agir de boa vontade, independente do motivo. Para mim, assim, também, é o natal: o mais importante é o que ensina e entrega aos homens, e, principalmente, o bem e a felicidade que perpetua.

